

ELISETE ELVIRA DESSBESEL

**A TRADUÇÃO DA IRONIA NOS QUADRINHOS DE *MUJERES ALTERADAS I*:
UMA ANÁLISE À LUZ DA TEORIA FUNCIONALISTA DE CHRISTIANE NORD**

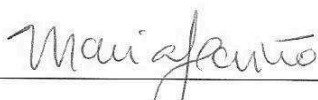
Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Prof.^a Dra. Maria José Laiño

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

14/11/2017.

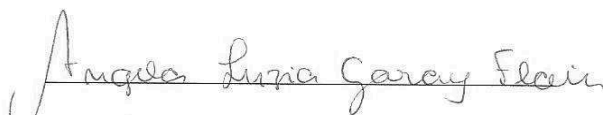
BANCA EXAMINADORA



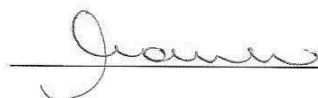
Prof.^a Dra. Maria José Laiño



Prof.^a Dra. Maria José Roslindo Damiani Costa



Prof.^a Dra. Angela Luzia Garay Flain



Prof.^a Marília Spingolon

A tradução da ironia nos quadrinhos de *Mujeres Alteradas 1*: uma análise à luz da teoria funcionalista de Christiane Nord¹

Elisete Elvira Dessbesel²

elisete.dessbesel13@gmail.com

RESUMO: Este trabalho debate aspectos relacionados à tradução das histórias em quadrinhos do livro *Mujeres Alteradas 1* ([2003] 2005) da cartunista argentina Maitena Burundarena. Diante disso, nosso foco de análise está voltado, principalmente, a verificar, a partir da teoria funcionalista de tradução, como a linguagem avaliativa, mais especificamente a ironia, foi traduzida para a versão brasileira do livro, *Mulheres Alteradas 1* (2005). Assim sendo, nosso referencial teórico está basicamente dividido em duas grandes áreas: linguagem avaliativa, especificamente a ironia, e tradução funcionalista. Assim, em relação à primeira, debruçamo-nos, principalmente, sobre os estudos de Souza (2006), Muecke (1995), Hutcheon (2000), Mateo (2010) e Alvarce (2009). Já sobre a segunda, utilizamos as pesquisas de Nord (2009, 2010, 2012). Para tanto, selecionamos um *corpus* de análise composto por cinco tiras e a partir deste comparamos a versão original e a traduzida, com objetivo principal de analisar como a ironia foi traduzida ao português. Os resultados indicam que a tradutora utilizou, principalmente, as técnicas de tradução ligadas à tradução literal e à adaptação e que em ambos os casos houve inadequações que acabaram por alterar o sentido no texto traduzido.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem avaliativa. Ironia. Histórias em quadrinhos. Tradução funcionalista.

Introdução

Neste trabalho objetivamos apresentar algumas discussões relacionadas à tradução das histórias em quadrinhos (doravante HQs) do livro *Mujeres Alteradas 1* ([2003] 2005) da cartunista argentina Maitena Burundarena. Diante disso, nosso foco de análise está voltado, principalmente, para a verificação de como a linguagem avaliativa, mais especificamente a ironia, foi traduzida – considerando a teoria funcionalista de tradução – para a versão brasileira do livro, “*Mulheres Alteradas 1*” (2003)³.

Por essa razão, faz-se necessário esclarecer que a linguagem avaliativa se trata de um campo de estudo que busca verificar como a língua é utilizada para expressar e fazer determinadas avaliações. Isso posto, consideramos a ironia como um tipo de linguagem avaliativa. Neste ponto, é interessante salientar que o caráter irônico, e até poderíamos dizer ácido, é uma das grandes marcas da cartunista Maitena, sendo que esse traço se personifica

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profª. Dra. Maria José Lainho.

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

³ O livro foi traduzido por Ryta Vinagre e lançado pela editora Rocco.

através de suas *mujeres alteradas*, suas personagens, o que em grande parte garante o humor de seus quadrinhos.

Aproximando nossa discussão aos estudos da tradução, nosso objetivo central é analisar como este aspecto linguístico, a ironia, foi traduzido ao compararmos a versão original em espanhol com a versão traduzida para o português brasileiro. Concomitantemente, buscamos observar, e avaliar em certa medida, quais foram as escolhas lexicais da tradutora quando tratamos sobre a funcionalidade de um texto na língua-meta a partir da teoria funcionalista da tradução, temática discutida por Christiane Nord. Assim, nosso propósito é verificar se o sentido se manteve ou se foi alterado depois da tradução, verificando se a tradutora necessitou fazer algum tipo de tradução cultural e se o texto funciona da mesma forma nas duas línguas.

Em virtude da extensão limitada de nosso trabalho, optamos por analisar apenas cinco tiras do primeiro livro. Assim sendo, esses quadros foram selecionados por apresentarem os maiores problemas/desafios em sua tradução. Para isso, metodologicamente, realizamos uma análise contrastiva entre os dois materiais, o original e a sua tradução, a partir do aporte teórico, a fim de perceber como a ironia foi traduzida com base nos propósitos apresentados anteriormente. Diante dos resultados, colocaremos em pauta de discussão as questões tradutórias sob o viés da teoria funcionalista de tradução.

Diante do exposto, nosso problema de pesquisa pode ser compreendido a partir dos seguintes questionamentos: Como a ironia atua como linguagem avaliativa? De que modo podemos compreender a relação entre os campos de estudos da linguagem avaliativa e da ironia? Como a ironia está presente nas tirinhas *Mujeres Alteradas I* da cartunista Maitena? E, ademais de estar presente, como ela foi traduzida ao português brasileiro? Dessa forma, respondemos a essas perguntas da seguinte maneira: em relação às duas primeiras, contrastamos os referenciais teóricos de ambos os campos de estudo. Já quando tratamos das duas subseqüentes, as repostas surgiram através da análise do nosso *corpus* de pesquisa, com base na bibliografia relacionada.

Por conseguinte, o referencial teórico específico que nos auxiliou na realização desta pesquisa está dividido em duas grandes subáreas, sendo estas: linguagem avaliativa, especificamente a ironia, e a tradução funcionalista. Portanto, ao nos debruçarmos sobre a linguagem avaliativa, recorreremos à pesquisa de Souza (2006). Já para discutirmos a ironia, utilizamo-nos dos estudos de Muecke (1995), Hutcheon (2000), Mateo (2010) e Alvarce (2009). Portanto, apropriamo-nos da teoria funcionalista a partir dos estudos de Nord (2009, 2010, 2012).

2 A ironia como linguagem avaliativa

O processo de avaliar faz parte da relação humana. Avaliamos a todo instante, sobre diversos assuntos e ocasiões, podendo ser uma análise de cunho científico ou até mesmo o ato de analisar alguma ação ou atitude cotidiana. Entretanto, a forma de expressar esses julgamentos pode variar, visto que não utilizamos os mesmos recursos quando, por exemplo, emitimos uma determinada opinião de forma oral ou de maneira escrita. O mesmo ocorre com a ironia, pois não se ironiza de maneira igual em textos orais quando os comparamos com os textos escritos. Sendo assim, nesta seção apresentamos alguns apontamentos sobre a construção da ironia como modelo da Linguagem Avaliativa.

O Modelo de Linguagem Avaliativa (*Appraisal Framework*) deriva-se da Teoria da Linguagem Avaliativa (*Appraisal Theory*). Sendo que este primeiro conceito surgiu em meados da década de 1990 e foi idealizado pelo professor James Martin da Universidade de Sidney com base na teoria linguística sistêmico-funcional⁴, que tem como um de seus principais pesquisadores o linguista inglês M. A. K. Halliday (SOUZA, 2006, p. 36).

Após o marco de surgimento, muitos outros pesquisadores debruçaram seus esforços em trabalhos sobre o tema. Infelizmente, as pesquisas sobre linguagem avaliativa ainda são escassas no Brasil. Por esse motivo, nosso principal referencial teórico sobre o tema será a dissertação de mestrado da pesquisadora Ladjane M. F. de Souza (2006). Entretanto, ao falarmos da ironia como linguagem avaliativa, escolhemos traçar uma nova rota, já que não encontramos teóricos que relacionassem esses dois campos de estudo.

Em linhas gerais, a linguagem avaliativa é uma teoria que busca verificar como a língua é utilizada para fazer determinadas avaliações. Em outras palavras, busca

estudar como quem fala ou escreve deixa marcado em seu texto, explicita ou implicitamente, os juízos que faz sobre as pessoas em geral, sobre outros falantes/escritores e seus enunciados, sobre objetos materiais, acontecimentos e situações, alinhando-se com aqueles que compartilham de suas visões e distanciando-se dos que delas discordam. (SOUZA, 2006, p. 36)

⁴ Diferentemente das perspectivas mais tradicionais dos estudos linguísticos, a Linguística Sistêmico-Funcional tem como princípio básico analisar a língua em seus contextos de uso, pois se considera que a linguagem é uma instância social que não pode ser analisada isoladamente (GOUVEIA, 2009).

Comumente, a linguagem avaliativa é associada a determinadas classes lexicais, gramaticais e textuais (SOUZA, 2006, p. 29-30). Entretanto, em nosso trabalho consideramos que, apesar de se manifestar através de marcas textuais, a linguagem avaliativa não pode ser definida e resumida pelo uso de termos específicos, seja pelo uso de determinados léxicos ou categorias gramaticais, pois o sentido não reside em uma determinada palavra ou classificação, mas é construído através da relação entre locutor e interlocutor.

Por isso, não existem parâmetros universais para se identificar o que é considerado e o que não é visto como linguagem avaliativa. Nesse sentido, o que temos em mãos são algumas ferramentas, como pistas lexicais, gramaticais e textuais, que buscam nos auxiliar na identificação e classificação dos elementos avaliativos (SOUZA, 2006, p. 35). Entretanto, esta tarefa não é simples visto que existem algumas barreiras que podem dificultar ainda mais sua identificação. Souza (2006, p. 31) define quatro fatores que atrapalham o mapeamento completo da linguagem avaliativa, são eles: “1) o caráter disseminativo de tal linguagem, 2) a opção do falante de tornar sua opinião explícita ou implícita, 3) o viés interpretativo de quem recebe (comunidade cultural) um texto escrito ou falado, e 4) o fato de que a avaliação de algo poder ser feita segundo diferentes parâmetros”.

Sobre o primeiro aspecto pode-se afirmar que a linguagem avaliativa tem um caráter disseminativo por permitir uma possibilidade dupla de interpretação. Além disso, os falantes têm o poder de expressar seus posicionamentos de uma maneira mais clara, que não permite dúvidas ou ambiguidades, ou ainda podem se exprimir de uma maneira não tão clara, de forma dúbia, fazendo com que o interlocutor não tenha certeza sobre as suas intencionalidades. Ao mesmo tempo, essa relação depende, como foi citado anteriormente, da perspectiva interpretativa de quem recebe o texto. Por fim, a avaliação é feita a partir de diferentes princípios, não sendo possível estabelecer um padrão.

Do mesmo modo, outro aspecto que deve ser considerado é o fato de que a carga avaliativa que determinadas expressões carregam pode variar quando pensamos nas diferentes línguas e culturas. Em outras palavras, o que é considerado como ironia ou sátira em um determinado idioma, pode não ter o mesmo sentido em outra língua ou lugar. Por isso, já relacionando com aspectos tradutórios, quanto mais distantes estiverem as culturas, mais adaptações serão necessárias para que o sentido seja mantido, se esse for o objetivo da tradução.

Em nosso trabalho, a ironia é definida como uma forma de linguagem avaliativa por julgarmos que essa figura de linguagem é amplamente utilizada como uma maneira de expressar determinadas opiniões e julgamentos utilizando recursos específicos para isso. Por isso, a partir deste ponto, voltamos nossa atenção a este tema, buscando refletir sobre aspectos essenciais que emergem quando discorremos sobre a ironia.

O primeiro problema encontrado ao discutir a ironia refere-se à sua conceptualização, visto que a velha definição que descreve a ironia como “dizer uma coisa querendo dizer outra” já não é suficiente para englobar as complexas discussões existentes acerca do tema (MATEO, 2010, p. 197). Apesar disso, podemos afirmar que a ironia está presente nos diversos tipos de discurso (oral, escrito, gestual), desde a fala comum do dia a dia até nas produções mais elevadas culturalmente (HUTCHEON, 2000, p. 20). Por isso, ao longo desta seção, discutiremos o que é considerado ironia, como ela funciona, de que maneira está elaborada, como e em que lugares ela está presente, entre outras informações.

Comumente, podemos afirmar que existem dois tipos básicos de ironia: a que está presente no dia a dia, apresentando um caráter mais simples e a ironia literária que é mais complexa e é sobre a qual nos ocupamos. Assim, em outras palavras, segundo Alvarce (2009, p. 23), no primeiro caso, trata-se de uma ironia mais comum/simples que não apresenta grandes dificuldades de interpretação ao seu interlocutor. Já no segundo, a ironia encontra-se entrelaçada em textos mais complexos e, por esse motivo, torna-se mais difícil de identificá-la.

Em relação ao primeiro caso, imaginemos a seguinte situação: em uma sala de aula, os alunos estão fazendo algazarra e bagunça quando a professora não está presente. Quando esta chega e profere a seguinte sentença: “Que bonito! Continuem assim!”, sabemos que neste momento a sentença não pode ser interpretada literalmente, pois o que ela quis explicitar é justamente o oposto, ou seja, o descontentamento com a atitude dos estudantes.

Dentro dessas duas classificações, encontram-se outras, como é o caso da dicotomia que Muecke (1995) traz ao afirmar que existem duas grandes categorias dentro da ironia: a ironia situacional/observável e a ironia verbal/instrumental. A primeira está ligada a situações que são entendidas e apontadas como irônicas como, por exemplo, o fato de um ladrão ser roubado. Já o segundo conceito se aproxima mais de nossa pesquisa, pois é o tipo de ironia que ocorre quando há uma inversão semântica, ou seja, uma inversão no sentido (ALAVARCE, 2009, p. 25-26).

Ademais, a ironia, principalmente a que está presente em textos escritos, sendo um tipo de linguagem avaliativa, também não pode ser reconhecida por uma série de elementos linguísticos ou estilísticos determinados, pois “não há um tom ou estilo irônico reconhecível” (MATEO, 2010, p. 198). Neste sentido, a ironia depende de um contexto, pois ela surge a partir da relação deste com o uso de palavras, expressões e ações em um determinado texto. Utilizando outros termos, afirmamos que “as palavras assumem significados diversos segundo o contexto” (ECO, 2007, p. 33).

Nesse sentido, segundo Linda Hutcheon (2000, p. 22), não é possível analisar a ironia sem olharmos para a interpretação, pois não existe ironia até que ela não seja interpretada como tal, visto que “alguém atribui ironia; alguém faz a ironia ‘acontecer’” (HUTCHEON, 2000, p. 22-23). Por isso, Hutcheon (2000, p. 27) afirma que existem três possíveis participantes desse ato social, “há um ironista com intenção e suas plateias pretendidas – a que ‘pega’ a ironia e a que não ‘pega’ a ironia”.

Por depender de um contexto, as concepções de ironia podem variar muito porque, segundo o pesquisador D. C. Muecke (1995, p. 22), o termo não pode ser classificado com um valor universal, já que ele não significa o mesmo em diferentes épocas, lugares, sociedades e esferas. Em outras palavras, a ironia é compreendida de diferentes formas em diferentes lugares e por distintas pessoas, ou seja, o que pode nos soar como irônico a nós brasileiros (falantes nativos do português), pode não parecer para pessoas de outras culturas e nacionalidades, pois cada comunidade se relaciona de uma forma distinta com a linguagem.

Pelo que foi visto, podemos afirmar que cada pesquisador acaba utilizando a definição que melhor se adéqua aos seus objetivos de pesquisa. Como já foi exposto, em nosso trabalho, analisamos a ironia como sendo uma das esferas da linguagem avaliativa, uma vez que esta é uma ferramenta específica pela qual se materializam determinadas opiniões e se fazem julgamentos acerca de determinadas situações. Entretanto, com isso não estamos desqualificando os demais referenciais sobre o tema, pois eles nos auxiliaram no embasamento de nossas análises.

Finalmente, a ironia como uma forma de linguagem avaliativa tem grande importância em nosso trabalho. Entretanto, nosso enfoque não está voltado para a análise de como esse mecanismo se faz presente em diversos tipos de textos, mas nos voltamos para um em específico: algumas das HQs de *Mujeres Alteradas I* da cartunista argentina Maitena. Por isso, no próximo

tópico, voltamos nossa atenção para as HQs e, mais especificamente, para a produção de nosso objeto de análise.

3 Histórias em quadrinhos: as *Mujeres Alteradas* em ação

Todas as atividades humanas estão ligadas de alguma maneira ao uso da linguagem em suas mais variadas formas e contextos comunicativos. Nesse sentido, Bakhtin (2011, p. 261) afirma que o emprego da língua se realiza a partir do uso de determinados tipos de enunciados (orais e escritos), que são proferidos de maneira única pelos integrantes da sociedade. Assim, cada enunciado apresenta especificidades em sua produção e finalidades específicas para as quais está destinado, isso é definido “não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Logicamente, cada enunciado proferido é uma atividade individual, irrepetível, mas o uso das línguas faz com que surjam, como define Bakhtin (2011, p. 262), os “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que são definidos como os gêneros do discurso. Sinteticamente, podemos definir um gênero textual e discursivo como acordos sociais, pelos quais circulam os textos concretos, orais ou escritos, em determinadas esferas da atividade humana. Ao mesmo tempo, refere-se a tipos relativamente estáveis por considerar que estes não estão finalizados e estagnados, em outras palavras, os gêneros possuem certas regularidades, mas isso não significa que eles não estejam sempre em metamorfose.

Apesar de os gêneros discursivos serem classificados por suas regularidades, eles não são totalmente uniformes, pois

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Antes de qualquer discussão acerca das HQs de Maitena, acreditamos que seja pertinente analisar quais são as particularidades que caracterizam este gênero. Vale ressaltar que em nosso trabalho não nos atemos a discutir se as HQs são consideradas literatura ou não, visto que concordamos com Ramos (2007, p. 172) quando afirma que “chamar quadrinhos de literatura [...]

é uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados”. Em outras palavras, “quadrinhos são quadrinhos” (RAMOS, 2007, p. 173).

Falando um pouco sobre o histórico do surgimento das HQs, podemos perceber que seu aparecimento oficial é bastante recente – datado no final do século XIX – mas é somente a partir da década de 1930 que os quadrinhos começaram a ter uma grande difusão. Nesse período, os Estados Unidos tiveram grande influência no que se refere à constituição e à disseminação desse gênero (COSTA, 2009, p. 125). Nesse sentido, foi lá que os primeiros preceitos das HQs foram consolidados antes de se propagarem por todo o mundo.

Pesquisadores como Moya (1986) associam o cartunista estadunidense Richard Felton Outcault como sendo o criador das HQs modernas. Este título se deve à criação de seu personagem chamado *The Yellow Kid*, que foi o primeiro personagem fixo semanal publicado no jornal *World* a partir de maio de 1895. Outcault inovou quando “deu forma definitiva e continuada ao fenômeno que outros artistas fizeram no passado, dando assim nascimento aos *comics*” (MOYA, 1986, p. 23). Além disso, “O Menino Amarelo” foi o primeiro de muitos personagens icônicos da carreira de Outcault.

Sinteticamente, podemos definir que as HQs são uma forma de expressão artística que une dois tipos de linguagem: a visual (imagens) e a verbal (texto escrito). Ou seja, são narrativas que utilizam recursos icônico-verbais em sua elaboração. Desse modo, estes dois elementos linguísticos não podem ser dissociados um do outro, pois nem o texto faz sentido sem a imagem e nem a imagem, na maioria dos casos, faz sentido sem o texto (COSTA, 2009, p. 126).

Quando referimo-nos sobre os traços característicos das HQs, podemos afirmar que, normalmente, as histórias são escritas em sequência e no sentido de leitura da esquerda para a direita (como é tradicional no ocidente) (LUYTEN, 1989, p. 12). Além disso, se isolarmos um quadro, podemos perceber que dentro deste existem alguns elementos específicos que caracterizam o gênero textual como, por exemplo: os balões, as onomatopeias, as representações do movimento e a gestualidade (LUYTEN, 1989, p. 14-15).

Quando nos expressamos oralmente, utilizamos elementos como a prosódia e a entonação para representar os diferentes sentimentos através da linguagem. Na escrita, esses dois elementos também estão presentes, porém são manifestados por outro modo, sendo que nas histórias em quadrinhos isso é feito através de balões. Os balões de diálogo são representações imagéticas utilizadas para dar sentido às falas, pensamentos e sentimentos das personagens da história

representados através de textos. Nesse sentido, os balões são traçados através de linhas que circunscrevem o texto. Existem diversos tipos de balões e cada um expressa uma ideia diferente, os mais comuns são os de pensamento, fala e grito.

O som de uma criança chorando, de uma arma sendo disparada ou de algo sendo quebrado. Estes e inúmeros outros sons estão presentes em nosso dia a dia. Nas HQs, eles também estão presentes, mas são representados através das onomatopeias. A onomatopeia é uma figura de linguagem que busca representar o som através de palavras. Vale ressaltar que as representações não são universais, ou seja, não são iguais em todos os idiomas, uma vez que cada um descreve de forma diferente os sons de sua língua. Por exemplo, o som do latido do cachorro é representado, no português, através da onomatopeia “au-au”, já no espanhol a mesma expressão é retratada através de *guau-guau*.

As imagens dos quadrinhos são fixas, mas existem elementos que auxiliam na representação do movimento dentro das histórias. Alguns exemplos são: para sugerir a ideia de velocidade são utilizadas linhas retas, para transmitir a sensação da trajetória dos objetos é possível utilizar linhas retas e curvadas e para indicar a noção do tremor é possível duplicar a imagem etc. Já a gestualidade é retratada através das representações faciais e corporais (modo de vestir, falar, andar etc.) das personagens que se apresentam como características que definem o seu caráter. Por exemplo, “ao ver uma figura de cabelos arrepiados, sobrancelhas alteadas, olhos muito abertos e queixo caído, o leitor não terá dúvida de que se trata de uma reação de medo, de assombro da personagem” (LUYTEN, 1989, p. 15).

Depois desse apanhado geral sobre as histórias em quadrinhos, a partir de agora nos voltamos mais especificamente sobre o nosso objeto de estudo. *Mujeres Alteradas* (no Brasil, *Mulheres Alteradas*) é uma série de HQs criada pela argentina Maitena Burundarena. Os quadrinhos começaram a ser publicados nos anos 1990 na revista feminina *Para Ti* e no jornal *El Clarín*. Somente alguns anos depois é que eles foram recompilados e publicados em cinco edições pela editora *Sudamericana - Lumen*. Em nosso trabalho, pelo curto espaço de tempo, escolhemos trabalhar somente com cinco quadrinhos do primeiro livro, que foi publicado em espanhol pela editora *Sudamericana - Lumen* em 2003 (utilizamos a sexta edição de 2005) e a edição traduzida ao português lançada pela editora Rocco em 2003.

No livro, a estrutura dos quadrinhos mantém certa linearidade estrutural, pois cada página apresenta, normalmente, seis quadros (excepcionalmente, alguns quadrinhos apresentam quatro

ou oito quadros). Em geral, as histórias não têm uma relação direta de continuidade, como ocorre na maioria das HQs. Entretanto, isso não quer dizer que não existam semelhanças entre elas, pois o livro está dividido em cinco temáticas de “alterações”: alterações próprias de seu sexo; alterações físicas e outros derivados da moda; um costume inalterável, o casamento; um motivo para se alterar sempre, a família; e alguns outros motivos para ficar meio alterada.

Todas as histórias têm como personagem principal mulheres e seus dilemas na vida cotidiana. Por isso, cada página trata sobre um tema distinto e ironiza comportamentos sociais clichês e estereotipados relacionados ao gênero feminino. Nesse sentido, cada tira apresenta um título macro e outros subtítulos que corroboram para o sentido da (auto)ironia e do humor de suas produções. Assim, a cartunista Maitena apresenta e ironiza comportamentos sociais ligados às mulheres que estão instituídos como normais.

Como mulheres, ao lermos estas produções, nos assemelhamos com elas, não por tratarem sobre elementos relacionados ao mundo feminino, mas por nos identificarmos com as situações ali representadas, em outras palavras, “no interior das tirinhas se apresentam cenas cotidianas de interação entre distintos personagens, os quais levam a cabo práticas discursivas muito reconhecíveis e familiares (estereotipadas), nas quais é determinante a identidade de gênero” (PAREDES, 2015, p. 78, tradução nossa)⁵.

Apesar da breve análise aqui realizada, os quadrinhos da autora Maitena nos oferecem uma série de questões pertinentes de estudo. Em nossa pesquisa, buscaremos nos ater apenas a uma das facetas: a tradução de elementos textuais que nos remetem à ironia. Por isso, nosso foco esteve, inicialmente, em verificar as marcas de ironia presentes na versão original e, posteriormente, analisar como esses elementos textuais foram traduzidos ao português. Por essa razão, em nossa próxima seção buscamos discorrer sobre alguns aspectos da tradução e, mais especificamente, sobre a teoria funcionalista de Christiane Nord, a qual embasa nosso trabalho.

4 A tradução e a teoria funcionalista de Christiane Nord

Quando nos referimos à tradução, falamos sobre um processo muito mais complexo do que a simples transposição de palavras de uma língua a outra, pois o processo tradutório envolve

⁵ Texto original: “en el interior de las viñetas se representan escenas cotidianas de interacción entre distintos personajes, los cuales llevan a cabo prácticas discursivas muy reconocibles y familiares (estereotípicas), en las que es determinante la identidad de género” (PAREDES, 2015, p. 78).

vários outros elementos, uma vez que, ademais de serem línguas distintas, são mundos culturais individuais com características próprias. Nesse sentido, existem diversas vertentes e concepções sobre a tradução, porém, em nosso trabalho, analisamos a tradução da ironia – corporificada pelas palavras e expressões específicas de cada idioma – nos quadrinhos de Maitena utilizando a teoria funcionalista de tradução.

A teoria funcionalista surgiu em meados dos anos 1970 e contrapôs alguns conceitos que estavam vigentes até aquele momento. Esse modelo tem como principais representantes Katharina Reiss, Hans Vermeer e, posteriormente, Christiane Nord. Em nosso caso, o foco está nos estudos de Nord, no entanto é importante destacarmos a teoria do *Skopos* (a palavra origina-se de um termo grego e significa “propósito”, “intuito”, “objetivo”) que foi desenvolvida em conjunto por Reiss e Vermeer, visto que ocupa um papel importante quando falamos em tradução funcionalista.

A teoria do Escopo defende que quando um texto é traduzido deve desempenhar uma função comunicativa determinada para a qual foi criado e, por esse motivo, ele tem uma finalidade e um objetivo a cumprir dentro de uma determinada cultura. Segundo Nord (2009, p. 8, tradução nossa), “o principio primordial que condiciona qualquer processo de tradução é a finalidade para qual está dirigida a ação translativa. Esta se caracteriza pela sua intencionalidade, que é uma característica definidora de qualquer ação”⁶. Isto é, fundamenta-se nos propósitos para a tradução acontecer e somente através deles é que se definem os métodos e estratégias que serão utilizadas na tradução de um texto para que o resultado final esteja adequado e funcional aos seus propósitos.

Resumidamente, sob a ótica da tradução funcionalista, cada texto-fonte cumpre determinadas “funções” na sua língua/cultura fonte e quando traduzido se espera que o texto-meta continue desempenhando as mesmas funções na língua alvo, se esse for o objetivo da tradução. Todavia, é importante esclarecer que nem sempre o texto-meta deverá cumprir as mesmas funções que o texto-fonte, já que por comporem mundos culturais distintos, as funções podem mudar de acordo com as necessidades do público-alvo. Assim, para Nord (2010, p. 241, tradução nossa), “o fator mais importante da situação comunicativa na qual se define o objetivo

⁶ Texto original: “el principio primordial que condiciona cualquier proceso de traducción es la finalidad a la que está dirigida la acción traslativa. Esta se caracteriza por su intencionalidad, que es una característica definitoria de cualquier acción” (NORD, 2009, p. 8).

da tradução é o da função ou hierarquia de funções que deve cumprir o texto-meta na cultura-meta”⁷.

Por esse motivo, o tradutor (personagem mais importante da interação entre texto-base e texto-meta) tem uma responsabilidade muito grande ao traduzir um texto, pois ele deve conhecer tanto a cultura do texto-base quanto a do texto-meta. Nesse sentido, é ele quem pode “jogar” com os sentidos do texto sem perder o texto-base e nem trair o destinatário do texto-meta (NORD, 2010, p. 240). Isto é, quando traduzimos, temos que ter em mente que aquela tradução tem um determinado objetivo e é a partir dele que se define como será ‘transferido’; antes de tudo temos um “para que” e depois temos um “como” (NORD, 2010, p. 239).

Outros dois conceitos importantes no âmbito da escola funcionalista, especificamente no contexto da teoria nordiana, são os de lealdade e fidelidade. O primeiro está relacionado aos participantes do processo de tradução: emissor, receptor e o próprio tradutor. Nesse sentido, Nord (2010, p. 240) afirma que o tradutor deve ser leal a esses participantes, isto é, seguir as intenções comunicativas do emissor levando em consideração as pressuposições do destinatário alvo. Ao mesmo tempo, a segunda noção se faz pertinente ao pensarmos na relação que se estabelece entre o texto-base e o texto-meta. Assim, é a partir do equilíbrio desses dois conceitos que podemos obter um texto funcional.

Uma pergunta basilar no processo tradutório pode ser assim concebida: Quais são as informações realmente relevantes quando traduzimos? Esse questionamento deve sempre ser considerado, uma vez que a gama de possibilidades é enorme quando falamos sobre tradução. Nesse sentido, Christiane Nord (2012, p. 45-46) indica que, em geral, não há um consenso para essa pergunta entre os autores, porém o mais importante é que não devemos simplesmente fazer uma série de perguntas, e sim considerar que cada texto guarda consigo uma forma de compreender o mundo.

Por isso, Nord (2012, p. 42) defende que existem dois fatores que os tradutores devem ter em mente no momento da tradução: os fatores extratextuais e os intratextuais. O primeiro refere-se aos elementos que não pertencem ao texto em si, mas fazem parte do contexto de produção e de circulação dele, quais sejam: emissor, receptor/destinatário, meio/canal, lugar, tempo, motivo e função textual. Já o segundo está relacionado diretamente aos elementos pertencentes ao texto.

⁷ Texto original: “el factor más importante de la situación comunicativa que se define en el encargo de traducción es el de la función o jerarquía de funciones que debe cumplir el texto-meta en la cultura-meta.” (NORD, 2010, p. 241).

São eles: tema, conteúdo, pressuposições, composição, elementos não verbais, léxico e sintaxe. A análise pré-tradutória desses elementos proverá ao tradutor um conhecimento amplo das condições do texto-fonte, o que possibilita uma adequada tomada de decisões tradutórias.

Além disso, podemos dizer que a tradução funciona como uma ponte entre culturas distintas, pois é através dessa atividade que diferentes grupos linguísticos podem ter acesso às diversas produções sociais. Por isso, o processo de tradução implica em muito mais do que uma translação de palavras de um idioma a outro, ou melhor, uma transposição literal, porque esse tipo de tradução, em muitos casos, não conseguirá cumprir os objetivos comunicativos para satisfazer ao destinatário. Concordamos com Eco (2007, p. 190) quando afirma que “um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo”.

Por isso, consideramos que as palavras carregam consigo muito mais do que apenas um significado, mas portam igualmente a cultura de uma determinada sociedade. Nesse sentido, o tradutor tem um papel fundamental, haja vista que é ele quem definirá como esses aspectos serão traduzidos entre distintas culturas. Dessa forma, quanto mais distantes estiverem essas culturas, mais desafiante será o trabalho do tradutor.

Finalmente, concebemos a ironia como sendo um aspecto cultural e, por esse motivo, utilizaremos da perspectiva da tradução funcionalista – com foco na tradução cultural quando necessário – para perceber como essa figura de linguagem que se faz presente nos quadrinhos *Mujeres Alteradas 1* foi traduzida ao português, buscando verificar se a tradução continuou cumprindo com as funções para as quais foi destinada, sendo que estas podem ser as mesmas do texto-fonte ou outras adaptadas a cultura-meta.

5 Procedimentos metodológicos e análise dos dados

Após a discussão teórica realizada até o momento, nesta seção apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados e, finalmente, conduzimos a análise dos dados coletados nos dois livros.

Metodologicamente, após a leitura e discussão dos textos teóricos, realizamos uma sondagem, a partir da leitura do livro em língua espanhola, com o intuito de identificar no livro original, *Mujeres Alteradas 1*, quais HQs apresentavam linguagem avaliativa – ironia – em sua composição. Após essa seleção, comparamos o mesmo material com a sua tradução para o

português brasileiro, “Mulheres Alteradas”. A primeira edição do livro, em espanhol, foi lançada em 2003 pela editora *Sudamericana – Lumen*, no mesmo ano o livro foi traduzido ao português brasileiro e lançado pela editora Rocco.

Assim, com base nos dois materiais, escolhemos cinco tiras para compor o *corpus* de análise. Essa eleição deu-se em virtude de apresentarem questões mais relevantes para o nosso trabalho, como problemas de tradução relacionados a palavras e expressões. Por fim, realizamos uma análise contrastiva entre os dois materiais e com base no aporte teórico, a fim de se verificar como a ironia foi traduzida, ou seja, se o sentido se manteve ou foi modificado e se o material funciona nas duas línguas da mesma forma.

Vale destacar que os critérios utilizados para seleção do *corpus* estavam relacionados aos maiores empecilhos tradutórios. Em outras palavras, utilizamos parâmetros de seleção comparando a versão original do livro com a versão traduzida. Inegavelmente, essa comparação só se tornou possível depois do mapeamento realizado no original, como citado anteriormente. O principal parâmetro de seleção estava relacionado a alteração de sentido do texto traduzido em comparação com o original, ou seja, utilizados critérios de não funcionalidade do texto-meta.

Contudo, para realizarmos as análises, sentimos a necessidade de estabelecer uma classificação, uma vez que os casos analisados não apresentavam problemas análogos. Em virtude disso, optamos por classifica-los com base nos tipos de traduções que foram realizadas. Com base nas classificações dos procedimentos tradutórios discutidos por Aubert (1998) e Barbosa (2004), elencamos duas categorizações que atendiam às nossas necessidades: a tradução literal e a adaptação.

A estratégia de tradução literal pode ser considerada a ideia mais disseminada em relação ao processo tradutório, uma vez que se considera que é o melhor tipo de tradução por “respeitar” o texto-meta. Geralmente essa noção de tradução é acolhida por leigos, que ainda tiveram a oportunidade de refletir sobre o processo de tradução. Ao mesmo tempo, segundo Barbosa (2004, p. 65-66), alguns teóricos como costumam associar a ela a fonte dos problemas relacionados à tradução, porém, em alguns casos, “ela pode ser necessária, ou até obrigatória” (BARBOSA, 2004, p. 66). Em poucas palavras, trata-se de um tipo de tradução no qual se mantém o texto meta o mais semelhante possível ao texto original, ou seja, se faz uma tradução bastante focada na estrutura linguística do original.

Já a adaptação se caracteriza por adequar alguns elementos do original à cultura-meta, ou seja, se fazem algumas modificações de cunho estrutural para que o texto cumpra os seus objetivos nessa cultura. Em outros termos, segundo Aubert (1998, p. 108), a adaptação trata-se de uma “solução tradutória adotada para o segmento textual dado estabelece uma equivalência parcial de sentido, tida como suficiente para os fins do ato tradutório”. Entretanto, autores, como o citado anteriormente, consideram que devemos abandonar a ilusão sobre a existência de uma equivalência “perfeita”.

Assim, na sequência apresentamos cada uma das análises realizadas. À vista disso, as informações apresentadas são advindas de: definições de dicionários tanto de língua espanhola quanto de língua portuguesa; discussões acerca do uso da língua espanhola na Argentina⁸ assim como sobre o uso da língua em relação ao português brasileiro, entre outras. Vale ressaltar que ao final de cada discussão oferecemos propostas de tradução que talvez pudessem solucionar os problemas encontrados.

5.1 Tradução literal

Análise 1

Figuras 1 – *Algunos de los prejuicios más comunes al respecto de las mujeres*



⁸ Os dados informados na sequência que fazem alusão a características de uso de língua na Argentina foram obtidos através de conversas informais com uma falante nativa e residente em Buenos Aires. Temos consciência de que essas informações expostas ao longo do artigo são frágeis e, em um sentido mais geral, pouco representativas, já que são oriundas de apenas uma informante. Entretanto, optamos por não desconsiderar esse material, pois consideramos que as informações são relevantes para nossa pesquisa, mas também com a ressalva de, em pesquisas posteriores a esta, buscarmos nos atentar mais a questões metodológicas como esta.

Fonte: MAITENA, 2005/2003 (resp.), p. 7.

Nota: em português: Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres.

Nas vinhetas acima, em espanhol e em português brasileiro, a autora ironiza alguns dos preconceitos mais comuns na vida das mulheres: se você tem alguma qualidade, certamente carrega consigo algum defeito que anula o atributo anterior. A tira é composta por seis quadros e em cada um deles é apresentada uma situação distinta. Em um deles, por exemplo, se apresenta a seguinte situação: se uma mulher está ganhando muito dinheiro, certamente há alguém bancando, em outras palavras, há um homem custeando, pois, segundo uma visão machista, ela não conseguiria tanto dinheiro somente através de seu próprio esforço.

Especificamente nas figuras aqui analisadas, a cartunista ironiza o fato de que se uma mulher é linda deve possuir algum defeito que acaba por diminuir o seu encanto. Nesse sentido, o problema encontrado na tradução não está especificamente nos balões de diálogo dentro do quadro, mas em um fragmento informativo acima da vinheta. Em espanhol o quadro traz: *si sos linda... sos tarada*, já em português, “se você é linda... é uma tarada”. Entretanto, comparando ambos, percebemos que a tradutora realizou uma tradução literal do espanhol para português e, em virtude disso, o sentido foi alterado, já que a palavra *tarada* não tem o mesmo significado nas duas línguas.

Vejamos com mais detalhes os sentidos que cada uma ocupa em cada um dos idiomas. Em espanhol, o adjetivo *tarada* significa, segundo o dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE): *1. adj. Que padece tara física o psíquica. 2. adj. Tonto, bobo, alocado*⁹. Como vemos, o termo deriva do vocábulo *tara* que por sua vez expressa uma espécie de defeito físico ou psíquico que diminuiu o valor de algo ou alguém. Falando especificamente da Argentina, a palavra é utilizada coloquialmente como insulto leve e seu sentido está relacionado ao mesmo exposto anteriormente, ou seja, a alguém que tem algum tipo de incapacidade mental.

Já em português, a expressão, em seu uso mais comum, tem um sentido muito mais pejorativo e expressa um tipo de perversão, especialmente a sexual. Apesar de a palavra ser polissêmica, já que, por exemplo, em uma de suas acepções estabelece relação com o sentido de peso, ou seja, “tarada” como o desconto do peso de uma determinada embalagem em relação ao peso final do produto. No entanto, no sentido evocado na tira, a palavra significa algum tipo de atração, que é, normalmente, associada a algo moralmente não aceitável. Uma vez que expressar

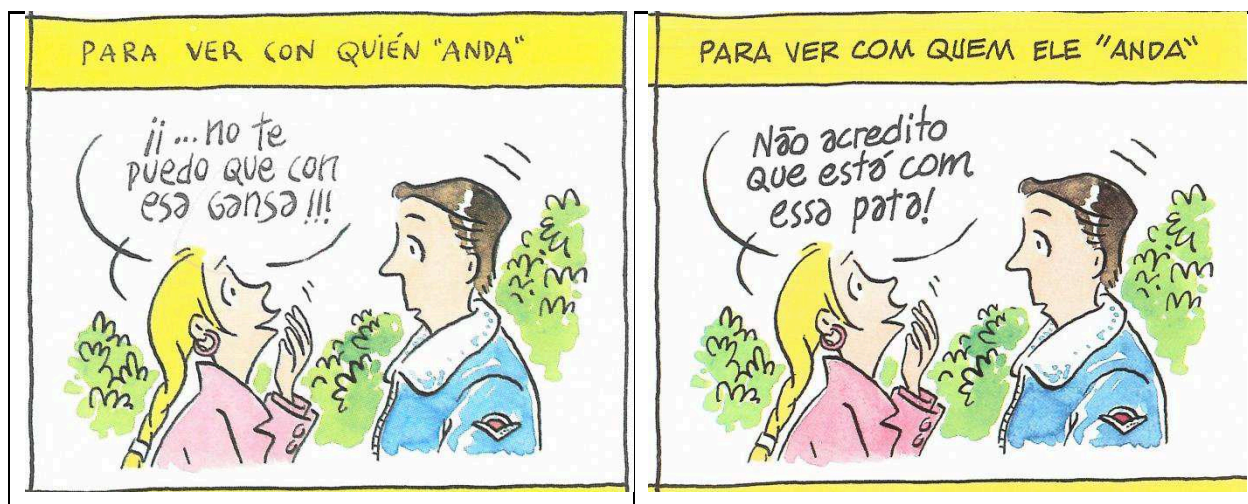
⁹ Definição disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=ZAFBHub>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

que uma pessoa é tarada associa-se a um tipo de desequilíbrio moral e a um tipo de desvio de conduta.

Diante disso, correlacionando nossa análise aos preceitos da teoria funcionalista, é possível afirmar que essa tradução não cumpriu com seu objetivo central e, portanto, não foi funcional na língua-meta. Por consequência, o efeito irônico da tira foi alterado, já que a expressão em português não estabeleceu a mesma relação de sentidos se a compararmos com o espanhol. Pensando nas funções linguísticas que cada termo ocupa, julgamos que a tradução do termo *tarada* cumpriria escopo ao ser traduzido para o português como tola/idiota/burra, sendo uma adaptação à cultura meta.

Análise 2

Figuras 2 - *Seis buenas razones que tiene una mujer para querer ver al Ex*



Fonte: MAITENA, 2005/2003 (resp.), p. 45.

Nota: em português: Seis bons motivos para uma mulher quer ver o Ex.

Nesta HQ, Maitena aborda as *Seis buenas razones que tiene una mujer para querer ver al Ex*, ou seja, apresenta os seis motivos pelos quais, geralmente, as mulheres querem ver seus antigos companheiros. À vista disso, o presente caso refere-se ao quadro intitulado de *para ver con quién "anda"*, no qual a cartunista apresenta mais uma razão para uma mulher querer ver o ex. Ou seja, a autora satiriza o fato de que muitas mulheres, após o fim de um relacionamento, sentem-se satisfeitas ao verem seus antigos companheiros com mulheres que consideram “inferiores” a elas. Assim, a personagem expressa *¡¡... no te puedo que con esa gansa!!!*, com o objetivo de expressar seu sarcasmo.

Nossa discussão se baseia na tradução da palavra *gansa* que foi traduzida ao português como “pata”. Se pensássemos no sentido mais usual da palavra, essa tradução não apresentaria nenhum problema, já que na maioria das vezes o termo é empregado com a finalidade de denominar um animal. Entretanto, estamos lidando com um contexto em que a ironia está envolvida e, portanto, nesse contexto o sentido não pode ser atribuído literalmente, pois aqui ele é resultado de uma inversão semântica no significado das palavras.

Em espanhol, a palavra *gansa*, ademais do sentido elucidado acima, significa segundo o dicionário *Señas: 2. fam. desp. fig. Persona de reacciones o movimientos lentos o torpes*¹⁰. Em outras palavras, quer dizer que uma pessoa demora muito para fazer alguma coisa ou é lenta para compreender algo. O termo em questão foi traduzido ao português como “pata”, que por sua vez não apresenta o significado equivalente ao da palavra em espanhol, ou seja, o termo não causa o mesmo efeito em português. Não obstante, a palavra “gansa” também existe no português brasileiro e em uma de suas acepções faz referência ao significado de concubina, meretriz ou prostituta.

Nesse sentido, percebemos que nenhuma das duas traduções se adequaria ao caso exposto, pois ambas não se ajustam ao sentido exposto no original. Por isso, fazendo um cotejamento entre os dois idiomas, acreditamos que o termo equivalente em português, respeitando o sentido figurativo e a imagem de um animal, seria “lesma”, “toupeira” ou “anta”.

5.2 Adaptação

Análise 1

Figuras 3 – *Las ocho típicas cosas que se hacen al estar deprimida...*

¹⁰ GANSA. In: SEÑAS: Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 607.



Fonte: MAITENA, 2005/2003 (resp.), p. 15.

Nota: em português: As oito atividades típicas para quando baixa a depressão.

Neste caso, já lidamos com outro tipo de tradução, já que saímos do nível da palavra isolada e nos encontramos com a tradução de uma expressão idiomática de uma língua a outra. Uma expressão idiomática se caracteriza por ser um conjunto de palavras que formam um bloco de sentido, o que adquire um significado diferente do sentido literal aos quais os termos isolados comumente fazem referência. Diante disso, cada língua possui suas expressões idiomáticas consagradas e que são amplamente utilizadas pelos seus falantes.

Esse é o caso do quadro acima, no qual a cartunista Maitena faz uso de uma expressão bastante utilizada no espanhol: *dormir como un lirón*. Contudo, antes de analisarmos mais a fundo essa expressão e, por consequência, sua tradução, faz-se necessário contextualizarmos o quadrinho em que ela está inserida. *Las ocho típicas cosas que se hacen al estar deprimida* é uma série composta por oito quadros e em cada um deles a humorista gráfica ironiza comportamentos que as mulheres apresentam quando estão tristes e suas prováveis consequências.

Na tira em questão, Maitena ironiza o fato de que nós mulheres quando estamos deprimidas comemos e dormimos muito, mas depois nos sentimos culpadas por termos feito isso. Para criar esse efeito, a autora utiliza a expressão *dormir como un lirón* que é amplamente utilizada e significa que a pessoa dorme demais. A expressão tem esse sentido em virtude dessa espécie de roedor, *lirón*, em português ‘lirão’, hibernar por cerca de sete meses ao ano. No

entanto, na Argentina, a expressão é igualmente utilizada, porém há outra expressão que é ainda mais empregada para se referir a mesma situação: *dormir como una marmota*.

Conforme podemos verificar ao compararmos as duas versões, o quadro traduzido sofreu uma alteração, visto que a tradutora optou por fazer uma adaptação do original em função da cultura-meta. Dessa forma, a expressão *dormir como un lirón* foi substituída pelo vocábulo equivalente no português “dormir como uma pedra”. Diante disso, percebemos uma preocupação em manter o sentido do texto, uma vez que se uma tradução literal fosse realizada, a funcionalidade do texto seria perdida e o sentido estaria comprometido.

Nesse sentido, tal situação ocorre porque no português brasileiro, salvo exceções, não existe nenhuma expressão cristalizada que envolva qualquer um dos dois animais, até porque nenhum deles é popular em nossa cultura. Assim, ao traduzir a expressão idiomática por uma equivalente em nosso idioma, manteve-se a forma linguística utilizada, ou seja, o modo de dizer e, por conseguinte, o sentido atribuído a forma no original manteve-se na versão traduzida.

Análise 2

Figuras 4– *Los seis clásicos primeros pasos de una recién separada*



Fonte: MAITENA, 2005/2003 (resp.), p. 44.

Nota: em português: Os seis primeiros passos clássicos de uma recém-separada.

A continuação, Maitena apresenta mais algumas das suas *Mujeres Alteradas*, neste quadro ela aborda *Los seis clásicos primeros pasos de una recién separada*. Nele, a autora apresenta e ironiza algumas atitudes que as mulheres tomam depois do fim de um relacionamento. Em um dos seis quadros aborda-se, por exemplo, o fato de que muitas mulheres procuram mudar seu

visual após o término. Todavia, nosso foco está em um quadro específico, intitulado: *Acercarse a todas las amigas que no veía porque él detestaba*, no qual critica o fato de que muitas pessoas se afastam de suas amigadas por causa de seus relacionamentos.

Nossa atenção está voltada para a fala da personagem, mais especificamente a uma expressão por ela utilizada: ... *pero él se me tiró un par de lances*. Em poucas palavras, essa expressão significa que a pessoa demonstrou um interesse amoroso por outra. No quadro, essa situação unida ao fato de que ele detestava essas amigas é o que causa o efeito irônico e humorístico da tira, já que se presume que um homem que esteja em relacionamento com uma mulher não flerte outras mulheres, especialmente as amigas dela. Na Argentina, a expressão é utilizada frequentemente, mas existe outra que é ainda mais utilizada entre os jovens e apresenta equivalência de sentido: *le tira onda*.

Na tradução para o português, a tradutora optou por fazer uma adaptação do original, resultando na seguinte expressão: “... mas eu tive uns dois encontros com ele”. Julgamos que essa tradução não tenha sido bem-sucedida, pois o sentido foi alterado na língua-meta e, por consequência, o efeito do texto acaba por ser modificado, já que compreendemos que ser paquerada e ter encontros são duas situações diferentes. Entretanto, estamos de acordo com a tradutora no que se refere à técnica tradutória, pois compreendemos que a adaptação à cultura-meta é o modo mais adequado ao se traduzir esse enunciado. Diante disso, consideramos que as expressões equivalentes ao original poderiam ser, entre outras, as seguintes: “ele deu em cima de mim”; “me paquerou” ou “me cantou”.

Análise 3

Figuras 5 – *Seis típicas maneras de desvalorizar al otro*



Fonte: MAITENA, 2005/2003 (resp.), p. 40.

Nota: em português: Seis maneiras típicas de desvalorizar o outro.

Finalmente, em nossa última análise, elegemos um quadro que faz parte da HQ intitulada *Seis típicas maneras de desvalorizar al otro*. Nela, Maitena satiriza situações nas quais as pessoas acabam menosprezando umas às outras. Em um dos quadros, por exemplo, a autora apresenta uma dessas maneiras: duvidar da palavra da pessoa. Na amostra acima, a cartunista ironiza que uma dessas maneiras é criticar a roupa que ele compra. À vista disso, percebemos que a cena apresenta dois personagens, um homem e uma mulher, e a ironia está presente na fala de ambos.

A ironia é, como dissemos, percebida nas duas personagens, isto é, na figura feminina ao satirizar uma peça de roupa comprada pela personagem masculina, e no próprio homem que a contesta de uma maneira que pode ser considerada “rípida”. No entanto, nosso foco está voltado para a figura feminina, visto que, neste caso, é a partir do termo *mamarracho* que a ironia se materializa, já que essa expressão de uso coloquial significa, segundo o dicionário RAE: *1. m. coloq. Persona o cosa defectuosa, ridícula o extravagante*¹¹.

Nesse sentido, a expressão *mamarracho* foi traduzida ao português como “gravata”. É perceptível que a tradutora optou por fazer uma adaptação da palavra, uma vez que a original em espanhol foi substituída pelo objeto que faz referência na tradução para o português. Em outras palavras, substitui-se a expressão coloquial pelo objeto de referência. Diante disso, percebemos que a ironia não se extinguiu, mas foi modificada, uma vez que perdeu sua essência ao longo da tradução. Assim sendo, julgamos que essa tradução não cumpriu com seus objetivos funcionais

¹¹ Definição disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=O5tvhB7>>. Acesso em: 13 out. 2017.

na cultura-meta porque perdeu a natureza coloquial da expressão original. Pensando nisso, estimamos que a expressão equivalente em português para o termo *mamarracho* seria “cafônico”, visto que esta tem uma equivalência tanto de sentido quanto de nível de informalidade (linguagem coloquial).

6 Considerações finais

Diante dos fatos apresentados, percebemos que a linguagem avaliativa é uma das ferramentas utilizadas pelas pessoas como forma de emitir juízos de valor sobre determinados temas. Por conseguinte, a ironia, sendo um desses instrumentos, é utilizada com o objetivo de expressar determinados julgamentos através de enunciados que carregam um sentido oposto do que seria o literal. Dessa forma, portanto, a tradução da ironia se transforma num grande desafio, uma vez que está ligada diretamente à cultura de determinado povo. Por sua vez, a abordagem funcionalista de tradução, aqui representada pelos estudos de Christiane Nord, teve um papel fundamental em nosso trabalho, pois foi a partir de seus estudos que desenvolvemos nossas análises e chegamos às conclusões apresentadas.

Quanto às perguntas que deram origem a nossa pesquisa, podemos afirmar que a linguagem avaliativa e, mais precisamente, a ironia é uma das características marcantes dos quadrinhos *Mujeres Alteradas*, sendo que podemos a considerar como uma das essências da produção da cartunista Maitena. Em resumo, a ironia é constitutiva e constituinte das histórias em quadrinhos da cartunista argentina. Entretanto, ao longo das análises, percebemos que a ironia nem sempre funcionou da mesma maneira nos quadrinhos originais e em suas respectivas traduções, uma vez que os efeitos de sentido foram alterados em alguns casos.

Além disso, após a seleção do *corpus* de análise reconhecemos que, essencialmente, duas técnicas tradutórias foram utilizadas majoritariamente: a tradução literal e a adaptação, esta tendo como principal característica a semelhança com o texto original e aquela como uma proposta de adequação do texto original à cultura-meta. Não obstante, constatamos inadequações nos dois tipos de tradução, fato que comprova, em certa medida, que nenhum método translativo está livre de problemas.

Diante dos dados apresentados, com base em nosso referencial teórico e das análises propostas, fica evidente a necessidade de pesquisas que busquem relacionar a linguagem

avaliativa, a ironia e a tradução, uma vez que esse é um campo de estudos que não tem recebido muita atenção. Além disso, as tirinhas de Maitena possibilitam um leque de pesquisas, sendo a nossa apenas uma das possibilidades. Nesse sentido, é possível perceber a importância de trabalhos que busquem demonstrar como a língua não é um objeto cristalizado, mas um sistema vivo que se (re)inventa a todo momento.

Assim sendo, o desenvolvimento do presente estudo atendeu os objetivos inicialmente estabelecidos, uma vez que foi possível identificar como a ironia se faz presente na obra original *Mujeres Alteradas* e ainda contrastar como ela foi traduzida ao português a partir da seleção de um *corpus* de análise. Além disso, comprovamos que as nossas hipóteses foram confirmadas, já que percebemos que a tradutora, em alguns casos, teve a necessidade de utilizar diferentes técnicas tradutórias que resultaram na modificação do sentido nos textos traduzidos.

Considerando o que foi discutido anteriormente, entendemos que nosso trabalho não encerra as possibilidades de pesquisa, uma vez que os quadrinhos de Maitena apresentam diversos aspectos a serem estudados, sendo que a tradução do caráter irônico é apenas um deles. Infelizmente, por se tratar de um artigo científico, nossa pesquisa limitou-se a análise de apenas cinco casos. Por isso, dada a importância do tema, em pesquisas posteriores a esta será possível abranger mais casos, já que o livro *Mujeres Alteradas 1* é apenas o primeiro exemplar de uma série composta por mais quatro obras.

Referências

- ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 208 p.
- AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *Tradterm*, São Paulo, v. 1, n. 5, p.99-128, jan./jul. 1998.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 476 p.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução. In: BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004. Cap. 3. p. 63-77.
- COSTA, Sergio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Rio de Janeiro: Record, 2007. 492 p.
- GOUVEIA, Carlos A. M.. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matranga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p.13-47, jan./jun. 2009. Semestral.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 359 p. Tradução de Julia Jeha.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- MAITENA. *Mujeres Alteradas I*. Buenos Aires: Sudamericana, 2005. 80 p.
- MAITENA. *Mulheres Alteradas I*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 80 p.
- MATEO, Marta. A Tradução da ironia. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 25, p. 197, set. 2010.
- MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinho*. Porto Alegre: L&PM, 1986. 239 p.
- MUECKE, D. C. *Ironia e o Irônico*. São Paula: Perspectiva, 1995. 134 p.
- NORD, Christiane. *Texto base - texto meta: Un modelo funcional de análisis pretraslativo*. Castelló de La Plana: Publicacions de La Universitat Jaume I, 2012. 282 p.
- NORD, Christiane. La intertextualidad como herramienta en el proceso de traducción. *Puentes*, Granada, n. 9, p. 9-18, mar. 2010.

NORD, Christiane. El funcionalismo en la enseñanza de traducción. *Mutatis Mutantis*, [s.i.], v. 2, n. 2, p.3-35, jul./dez. 2009. Semestral.

PAREDES, Elena Méndez-g^a de. "Mujeres Alteradas": La autoironía de grupo como liberación de tabúes femeninos. *Discurso & Sociedad*, S. I., v. 9, n. 1-2, p.71-94, mar./jun. 2015.

RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cómicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SEÑAS: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. 2. ed. São Paula: Martins Fontes, 2001. 1510 p. Tradução de Eduardo Brandão.

SOUZA, Ladjane Maria Farias de. *O modelo de linguagem avaliativa (Appraisal Framework) como ferramenta para a análise descritiva do texto traduzido*. 2006. 241 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RESUMEN: Este trabajo debate aspectos relacionados a la traducción de las historietas del libro “Mujeres Alteradas 1” (2003-2005) de la caricaturista argentina Maitena Burundarena. En este sentido, nuestro enfoque de análisis está orientado, principalmente, a verificar, a partir de la teoría funcionalista de traducción, cómo el lenguaje evaluativo, específicamente la ironía, fue traducido a la versión brasileña del libro, *Mulheres Alteradas 1* (2005). Así, nuestro referencial teórico está básicamente dividido en dos grandes áreas: el lenguaje evaluativo, específicamente la ironía, y la traducción funcionalista. Respeto a la primera, nos centramos principalmente en los estudios de Souza (2006), Muecke (1995), Hutcheon (2000), Mateo (2010) y Alavarce (2009). Ya sobre la segunda utilizamos las investigaciones de Nord (2009, 2010, 2012). Para ello, seleccionamos un *corpus* de análisis compuesto por cinco tiras y a partir de éste comparamos la versión original y la traducida, con el objetivo principal de analizar cómo la ironía fue traducida al portugués. Los resultados indican que la traductora utilizó, principalmente, las técnicas de traducción ligadas a la traducción literal y a la adaptación y que en ambos casos hubo inadecuaciones que alteraron el sentido en el texto traducido.

PALABRAS CLAVE: Lenguaje evaluativo. Ironía. Cómics. Traducción funcionalista.